



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**

LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

**CADERNO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA- UMA PROPOSTA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

São Cristóvão
2023

EULÁLIAS, CIDINHAS E RAQUÊIS:

TECENDO UMA PROPOSTA
LITERÁRIA EM DEFESA DA MULHER



LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE A
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA- UMA PROPOSTA PARA OS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Material didático que compõe o trabalho final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal da Sergipe, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Mello Andrade.

São Cristóvão

2023

APRESENTAÇÃO

Caro(a)docente e discente,

Sou Lorena Nogueira, mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e docente da rede municipal de Juazeiro-BA. Esse texto tem o objetivo de apresentar um caderno pedagógico para orientar e também suscitar o trabalho sobre a temática violência contra a mulher utilizando os textos literários “Venha ver o pôr-do-sol”, “A língua do P” e, “Porém, igualmente”, respectivamente das autoras: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti.

É veiculado diariamente o quanto o gênero feminino sofre violência de diversas formas. Acredita-se que o espaço escolar é o ambiente adequado para dialogar sobre essa temática, além de propiciar o contato com a literatura e tornar realidade o letramento literário.

O presente caderno pedagógico possui a precípua finalidade de viabilizar uma série de atividades, fundamentadas em recursos didáticos. As sugestões elencadas podem sofrer adaptações e podem ser vivenciadas por conto ou de maneira integral. Aqui são propostos recursos com o objetivo de criar estratégias de letramento literário com alunos(as) dos anos finais do Ensino Fundamental II, preferencialmente nas turmas de 8 e 9 anos. É importante ressaltar que os textos literários disponibilizados aqui discorrem sobre a temática da violência contra a mulher.

Esse trabalho resulta de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras, cujo programa chama-se “ProfLetras” e foi produzido na Universidade Federal de Sergipe sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

Espera-se que ao final desta experiência o(a) docente entenda a viabilidade do trabalho com a Literatura à luz de assuntos da atualidade que urgem debate e reflexão no contexto escolar e que os discentes vivenciem o caderno pedagógico pondo em prática as sugestões elencadas.

Objetivos:

- Incentivar a leitura literária;
- Estudar autoras brasileiras;
- Desenvolver atividades sobre “Violência contra a mulher”;
- Propor experiências literárias.

Conteúdos abordados:

- Leitura e produção de texto literário
- Estratégias de leituras
- Produção textual
- Apresentação e contextualização dos temas: Violência contra a mulher e feminicídio.
- Gênero conto
- Elementos do texto narrativo (foco narrativo, tempo, espaço, personagem, complicação e desfecho)
- Produção de texto oral

Conteúdos interdisciplinares:

- Empoderamento feminino
- Igualdade de gênero
- Relações de convivência

ETAPAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Tempo de execução:

O caderno pedagógico contempla:

Três Módulos de atividades, necessitando 2 aulas para a realização do módulo I, duas aulas pra o módulo II e 3 aulas para o módulo III. Totalizando 7 aulas para a vivência integral da proposta sugerida.

SUMÁRIO

Conversa inicial.....	07
Organização do caderno pedagógico.....	09
Módulo I.....	10
Hora da produção.....	15
Texto: Porém Igualmente, de Marina Colasanti.....	16
Módulo II.....	18
Texto: A língua do P, de Clarice Lispector.....	21
Hora da produção.....	24
Módulo III.....	35
Texto: Venha ver o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles.....	39
Hora da produção.....	46
Mensagem Final.....	48

CONVERSA INICIAL

Os índices retratam constante crescente nos dados sobre a violência contra a mulher, o que é uma infeliz realidade. A frequência desses atos contra o ser feminino ofusca a sua imagem, reafirma a falta de punição para esse tipo de violência, conduz a banalização e até a aparente normalidade, como algo que faz parte do dia a dia e do imaginário das mulheres.

A escritora feminista Charlotte Anne Bunch (1991) não limita a violência contra a mulher como cultural ou pessoal; a escritora amplia e analisa sob o espectro político, ao afirmar que esses atos resultam do domínio de vínculos cujas bases estão no poder e no privilégio alcançados a partir do aprisionamento identitário feminino. Para a escritora, a violência contra a mulher faz parte da engrenagem que mantém os laços políticos familiares na esfera do trabalho e demais ambientes públicos.

Esse fenômeno social não está limitado a uma única classe social, mas em todas, perpassando todas as raças, etnias e gerações. Há quem considere o ato de violentar mulheres como resultado das diferenças e desigualdades sociais, restrito às pessoas humildes. Há também pessoas que tentam justificar a violência realizada ao consumo de álcool e outras drogas. É salutar pensar que viver no contexto socioeconômico não privilegiado onera e dificulta lidar com os pensamentos e emoções; porém, tentar explicar um fenômeno e reduzir a essas questões limita a discussão e oculta a sua problemática. As autoras Maria Amélia de Almeida Teles e Mônica de Melo, em seu livro *O que é violência contra a mulher* (2002), reforçam essa ideia ao afirmarem que o ato de agredir, violentar o ser feminino pode ser vivenciado em qualquer classe e com qualquer mulher independentemente da sua situação socioeconômica.

Ao partir de uma base machista e patriarcal, tal fenômeno encarcera a mulher, colocando-a como inferior e subjugada. Do outro lado, o homem é fortalecido com a imagem de superior e dominador.

Diariamente a mídia retrata notícias sobre a violência contra a mulher, muitas vezes alternando o foco: ora mostra o contexto do ato, ora as ações dos agentes de segurança pública, ora o desfecho de algum caso no judiciário. Por ser um tema retratado diariamente, exaustivamente, causa banalização; ao invés de gerar reflexão, estranheza, revolta, causa uma sensação de apenas mais um caso que pertencerá a um índice. Até quando a sociedade tratará o fenômeno da violência contra a mulher como algo naturalizado?

Nesse contexto e conforme dito anteriormente, os índices só aumentam e as pesquisas comprovam que, no Brasil, uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas, segundo o boletim *Elas vivem: dados que não se calam*, divulgado no dia 06 de março de 2023 pela Rede de Observatórios da Segurança. De acordo com a pesquisa, foram registrados 2.423 casos de violência contra a mulher em 2022, 495 deles feminicídios.

As pesquisadoras Luana Nunes Cabral e Anne Christina Freire Barbosa desenvolveram um trabalho de pesquisa cujo objetivo foi analisar os tipos de violência mais frequentes em Juazeiro-BA, baseadas nos atendimentos realizados pelo CIAM (Centro integrado de atendimento à mulher) por meio da Lei de nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha.

Os dados estudados levaram em consideração os anos de 2006 até 2018 e são alarmantes, refletindo a realidade do país. De 2413 casos notificados, 41,29% constata a violência psicológica como a mais incidente. Os números continuaram em ascensão. Segundo o jornal *A Tarde*, em 2022 a Bahia foi o estado que teve um aumento de 58% nas ocorrências de violência, e teve o infeliz ganho do título de estado do Nordeste com a quantidade maior no número de feminicídios.

Neste diapasão, as perguntas norteadoras para o desenvolvimento desta pesquisa e sugestão de metodologia de trabalho foram:

Os dados no Brasil, Bahia e em Juazeiro-BA chamam a atenção e crescem absurdamente a cada ano. De que maneira as instituições educacionais podem posicionar-se diante da problemática da violência contra a mulher? De que modo os estudantes podem ser levados à reflexão sobre o tema e sobre a mudança de pensamento para evitar futuros atos violentos?

Uma das possibilidades encontraremos aqui, por meio do Mestrado Profissional em Letras, um programa que visa ao aperfeiçoamento do labor executado pelos(as) docentes de Língua Portuguesa.

Qual é o melhor local para discutir, questionar, fazer pensar sobre a violência contra a mulher? Qual é o melhor ambiente para utilizarmos a literatura brasileira produzida por escritoras como forma de reflexo social da vida?

É nesse contexto que se propõe aqui uma possibilidade de utilizar as aulas de Língua Portuguesa como oportunidade de, além da promoção do letramento literário, aumentar e desenvolver a competência leitora e oportunizar a discussão sobre a temática da violência contra a mulher.

Ao fim da vivência desse caderno pedagógico, espera-se que os discentes desfrutem do prazer e do incômodo que a literatura é capaz de promover.

ORGANIZAÇÃO DO CADERNO PEDAGÓGICO

Abaixo, apresentamos um quadro resumo sobre as principais atividades contidas no Caderno Pedagógico que serão realizadas durante a sua vivência.

ETAPAS	ATIVIDADES	DURAÇÃO
Módulo I	- Montagem do texto literário; - Leitura e interpretação do miniconto “Porém Igualmente”. -Questões sobre o texto; -Reescrita do miniconto; -Elaboração do diário.	2 aulas
Módulo II	- Leitura e interpretação do conto “A língua do P”; -Escrita dos “erros e acertos” da personagem Cidinha; -Diálogo sobre os “erros e acertos”; -Elaboração do diário.	2 aulas
Módulo III	-Leitura e análise dos dados sobre violência contra a mulher; - Leitura e interpretação do conto “Venha ver o pôr-do-sol” sem o desfecho; -Escrita de um possível final; -Leitura do final oficial e das produções. -Elaboração do diário.	3 aulas

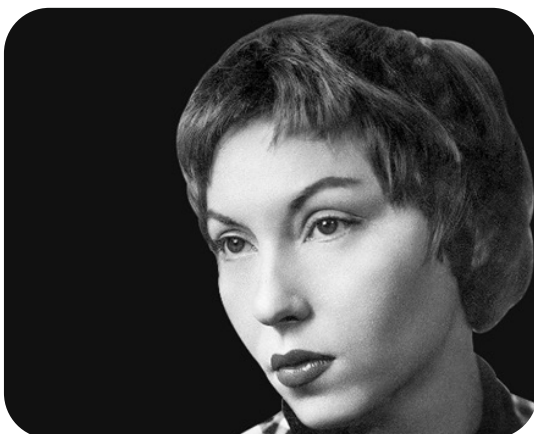


Marina Colasanti

Texto de autoria: *“Porém Igualmente”*

Lygia Fagundes Telles

Texto de autoria: *“Venha ver o pôr-do-sol”*



Clarice Lispector

Texto de autoria: *“A língua do P”*

MÓDULO I

Nome do Aluno(a): _____
Nome do(a) Professor(a) de Português: _____
Escola: _____
Ano/Turma: _____ Ano Letivo: _____
Cidade/Estado: _____

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já parou para analisar o quão diversa é a educação ofertada à criação de meninos e meninas? Será que isso impacta na maneira como as mulheres são tratadas?

Para perceber os diferentes tratamentos que a sociedade fomenta, basta observar a educação diferenciada fornecida aos meninos e às meninas. De um lado, há instruções, reforços para que o estereótipo de ser calma, passiva, familiar e dedicada ao lar seja vivenciado pela mulher. Do lado masculino, a aventura, o estudo, diversão são alimentados em sua personalidade.

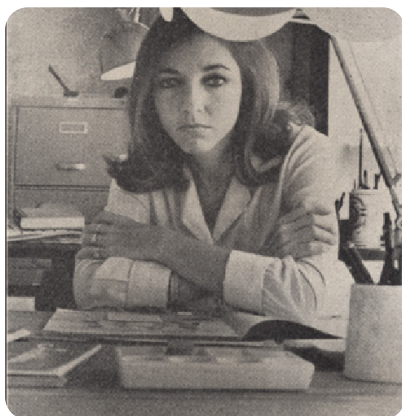
Na vida adulta, a mulher é desencorajada a seguir de maneira autônoma, o medo percorre sua mente. Não é seguro andar à noite sozinha, necessitando sempre de uma figura masculina como sinônimo de proteção e segurança. Essa diferença dada ao ser feminino, mulher, e ao masculino, homem, é chamada de patriarcado. Ele se constitui como maneira de exercer poder, produz e reproduz inúmeros tipos de violência, acrescentando a dor e sentimento de culpa pelas figuras que não querem perder os privilégios e desejam continuar no poder.

Para complementar, bell Hooks, em seu livro *E eu, não sou uma mulher?*, define o patriarcado como “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça”. (HOOKS, 1981, p. 64)

Essa superioridade, esse poder masculino reforçado desde a infância, resulta em uma naturalização que deve ser questionada e combatida. É comum presenciarmos reforços para que a figura feminina esteja sempre atrelada ao lar e à passividade, um exemplo bem simplório é a ilustração das caixas de brinquedos. Comumente vemos meninas estampadas nas caixas de brinquedos alusivas às atividades domésticas. Portanto, a construção da superioridade masculina, além de ser realizada através dos diversos processos sociais (o homem ser o provedor do lar, não demonstrar emoções, gostar de esportes etc.), há também um tolhimento midiático reforçando a passividade feminina.

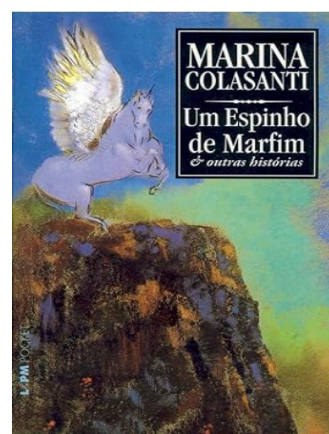
Logo, a educação familiar e a vivência de cada indivíduo constroem os estereótipos do feminino e masculino, desmistificando a ideia da naturalização das personalidades.

O avanço dos ideais perpetuados pelas visões do patriarcado reforça no masculino uma ideia de poder sobre o corpo feminino, a ponto de cometer atos violentos.



Marina Colasanti, importante escritora da literatura brasileira, publicou mais de 40 livros. Discorre sobre o universo feminino, o amor e os problemas sociais. Suas personagens femininas muitas vezes são dotadas de sensibilidade, delicadeza, força e coragem. A autora cria personagens moldadas ao contemporâneo, o que causa muita identificação com o público feminino, pois sente identificação e se percebe representado.

A autora de “Porém Igualmente” é atuante na luta a favor das mulheres serem conscientes da sua condição. Nascida em 1937 na Etiópia, começou a residir no Brasil com 11 anos. Formada em Artes, trabalhou como jornalista, publicitária e produtora; casada com o escritor Afonso Romano de Sant’anna, é descrita como uma escritora engajada, que denuncia as opressões e acredita no poder da leitura: “A leitura tem a ver com a qualidade da vida, o enriquecimento da vida, a diversidade da vida. Tem a ver com a apropriação de experiências que nunca se viveram.” (COLASANTI, 2021, p.363).



ABERTURA

Estimado(a) discente,

Daremos início à nossa experiência literária, cujo objetivo é abordar a temática da violência contra a mulher. Primeiramente, pedimos que se agrupe de maneira ordenada e se prepare para a organização de um miniconto denominado “Porém Igualmente”, de autoria de Marina Colasanti.

Posteriormente, você responderá a uma das questões propostas em seu caderno de Língua Portuguesa. Após a conclusão, aguardem a realização do debate.

1. Para você, sobre o que fala o miniconto?
2. O que faz D. Eulália ser uma “santa”, um “anjo”?
3. O que os parentes fizeram diante do que acontecia com D. Eulália? Comente.
4. Retire do texto o trecho que demonstra o vício em bebida do marido de D. Eulália. Você acha que o alcoolismo justifica as atitudes do marido?
5. O que quer dizer a expressão “rompeu em asas o vôo de sua trajetória”?
6. O miniconto parece ser atual? Justifique.
7. Qual é a sua opinião sobre D. Eulália? Justifique.

HORA DA ANÁLISE

É perceptível que a intensidade do miniconto “Porém igualmente” provoca reflexão sobre a vivência do feminino na atualidade. O uso do tempo verbal no gerúndio demonstra que D. Eulália era agredida frequentemente pelo seu cônjuge alcólatra. Os vizinhos a adjetivaram como “santa”, os parentes como “anjo”, adjetivos alusivos a algo sagrado, ligado ao divino, o que reforça a ideia de positivo, a não reação diante da violência sofrida.

No texto percebemos um incentivo ao comportamento submisso, passivo de D. Eulália através dos vizinhos e parentes, pois, ao perceberem as agressões cometidas, não a encorajam, tampouco oferecem ajuda, mas atribuem características ligadas ao campo religioso.

O miniconto lançado na década de 90 denuncia a passividade das pessoas em não agir diante da violência cometida contra as mulheres, relata também a dificuldade em denunciar e alcançar a rede de apoio, pois, muitas vezes, a violência masculina é aceita e apoiada através de uma visão patriarcal. Assim, “a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas coercitivas”. (HOOKS, 2019, p. 95).

Em sua escrita, Colasanti objetiva transformação cultural e, mesmo lançado há mais de 20 anos, a luta pela igualdade e direito feminino ainda permanecem.

HORADA PRODUÇÃO



VAMOS RELEMBRAR O TEXTO “PORÉM IGUALMENTE” ?

Porém igualmente *Marina Colasanti*

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.
É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.
Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

PROPOSTA TEXTUAL

Agora é o momento perfeito para explorar uma nova perspectiva na história de D. Eulália. Imagine um miniconto que ofereça uma visão alternativa sobre a vida de nossa protagonista. Que tal considerar um desfecho diferente para a sua narrativa? Considerando a trágica história de D. Eulália, vítima de violência doméstica e assassinada pelo marido, podemos explorar um desfecho alternativo onde ela encontra forças para mudar seu destino.

Imagine um miniconto onde D. Eulália, apesar de viver em um ambiente de violência, consegue buscar ajuda. Com essa consciência, ela decide denunciar seu marido e buscar apoio em uma organização de ajuda a mulheres vítimas de violência. Nesse novo desfecho, ela se torna uma sobrevivente, uma inspiração para outras mulheres em situações semelhantes. Ela usa sua experiência para educar e apoiar outras vítimas, tornando-se uma defensora dos direitos das mulheres e uma voz contra a violência doméstica.

Esse é apenas um exemplo de como a história de D. Eulália poderia ser reescrita, destacando a importância da conscientização sobre a violência contra a mulher e a força que vem da superação. Qual é o outro desfecho que você imagina para a nossa querida personagem?

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

PARA SABER MAIS

Acesse: [Violência contra mulher: quais os tipos e como denunciar - YouTube](#)

<https://www.youtube.com/watch?v=lCcS8bTL3HA>

Fonte: TOTAL, N.S.C. Violência contra mulher: quais os tipos se como denunciar.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lCcS8bTL3HA>>.

Acesso em: 12 dez. 2023



O vídeo proposto, com duração de 1m36s, apresenta de forma clara e objetiva as diversas formas de violência contra a mulher, bem como os procedimentos adequados para denunciá-las.

MÓDULO II

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já ouviu o termo “feminicídio” ? Feminicídio é o termo utilizado para designar o assassinato de mulheres realizado em função do gênero. De modo simplório, é quando a vida da vítima é ceifada por ser mulher.

Há um pensamento em comum em todos os estudiosos que analisam o feminicídio, é que este é o resultado do sistema patriarcal, dos papéis diferenciados, impostos nos gêneros e do poder desequilibrado entre eles. O crime do feminicídio foi instituído através da lei 13.104, mais conhecida como a “Lei do Feminicídio”, decretada pela presidente Dilma Rousseff em 9 de março de 2015, um dia após a comemoração do dia internacional da mulher.

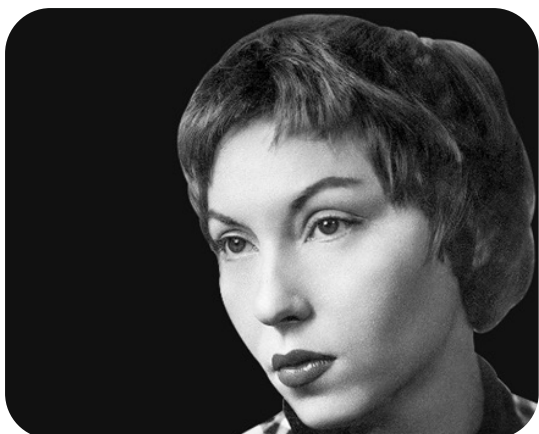
A partir dessa data, o feminicídio transformou-se em crime, assassinato qualificado e foi designado como crime hediondo. Para entendermos melhor, no caso de um homicídio “simples” o tempo de pena varia entre 6 e 20 anos, no caso do feminicídio esse tempo é ampliado de 12 a 30 anos. Vale salientar que embora a maioria dos casos seja cometido por companheiros, ex-companheiros, a lei pode acolher casos em que o assassino for desconhecido. Além disso, relações homoafetivas também são contempladas legalmente.

Sabendo que as mudanças culturais e de padrões são lentas e árduas de acontecerem, é importante atribuir responsabilidade ao criminoso para não deixar a sociedade sem resposta, para demonstrar o quão inadmissível é cometer violência contra a mulher, por isso a importância de tipificar esse tipo de crime.

A sua próxima leitura chama-se “A língua do P” e abordará a temática do feminicídio. O texto foi escrito e publicada no ano de 1974, integra o livro *A Via Crucis do Corpo*.

Cidinha, personagem principal, professora de inglês, residia em Minas Gerais e planejava uma viagem para fora do país. No dia da sua viagem precisa tomar um trem com destino ao Rio de Janeiro. Ao embarcar, a professora depara-se com uma senhorinha dormindo. Após uma parada, dois homens sobem e se sentam em sua frente. A partir daí o plano de Cidinha sofre risco de mudança.

Aperte o cinto de segurança e viaje nessa história reflexiva e cheia de reviravolta...



Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920 na Ucrânia, mas veio residir no Brasil ainda bebê. Faleceu em 1977 em decorrência de um câncer. É uma das escritoras mais conhecidas da literatura brasileira, possui uma escrita marcante, valorizando o olhar interior. Era apaixonada pelo ato de escrever: “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa

sa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (LISPECTOR, 2007, p. 23).

Para a escritora o ato de escrever era prazeroso e emocionante: “Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretensiosa. Escrevo para mim, para que eu sinta minha alma falando e cantando, às vezes chorando.” (LISPECTOR, 2007, p. 27). Foi ganhadora dos prêmios Jabuti (1961 e 1978), Graça Aranha, Carmen Dolores Barbosa, entre outros. Autora de grandes livros da literatura brasileira, *A Hora da Estrela*, *Perto do Coração Selvagem* e *Laços de família*. Embora não se rotulasse como feminista, Lispector apoiava e defendia a independência feminina.



ATENÇÃO, DISCENTE

Vamos iniciar a próxima leitura:

- Durante a leitura anote os trechos que chamaram a sua atenção.
- Após a leitura, converse com os(as) colegas sobre os trechos escolhidos por eles(as). Há algum trecho em comum? Conversem sobre o porquê da escolha e escolham dois trechos para expor diante da turma.

A Língua do P

Clarice Lispector

Maria Aparecida — Cidinha, como a chamavam em casa — era professora de inglês. Nem rica nem pobre: remediada. Mas vestia-se com apuro. Parecia rica. Até suas malas eram de boa qualidade.

Morava em Minas Gerais e iria de trem para o Rio, onde passaria três dias, e em seguida tomaria o avião para Nova Iorque.

Era muito procurada como professora. Gostava da perfeição e era afetuosa, embora severa. Queria aperfeiçoar-se nos Estados Unidos.

Tomou o trem das sete horas para o Rio. Frio que fazia. Ela com casaco de camurça e três malas. O vagão estava vazio, só uma velhinha dormindo num canto sob o seu xale.

Na próxima estação subiram dois homens que se sentaram no banco em frente ao banco de Cidinha. O trem em marcha. Um homem era alto, magro, e bigodinho e olhar frio, o outro era baixo, barrigudo e careca. Eles olharam para Cidinha. Esta desviou o olhar, olhou pela janela do trem.

Havia um mal-estar no vagão. Como se fizesse calor demais. A moça inquieta. Os homens em alerta. Meu Deus, pensou a moça, o que é que eles querem de mim? Não tinha resposta. E ainda por cima era virgem. Por que, mas por que pensara na própria virgindade?

Então os dois homens começaram a falar um com o outro. No começo Cidinha não entendeu palavra. Parecia brincadeira. Falavam depressa demais. E a linguagem parecia-lhe vagamente familiar. Que língua era aquela?

De repente percebeu: eles falavam com perfeição a língua do “p”. Assim:

— Vopocê reperaparoupou napa mopoçapa boponipitapa? — Jápá vipi tupudopo. Épé linpindapa. Espestápá nopo papapopo.

Queriam dizer: você reparou na moça bonita? Já vi tudo. É linda. Está no papo.

Cidinha fingiu não entender: entender seria perigoso demais. A linguagem era aquela que usava, quando criança, para se defender dos adultos. Os dois continuaram:

— Queperopo cupurrapar apa mopoçapa. Epe vopocêpê? — Tampambém-pém. Vapaipi serper nopo tupunelpel. Queriam dizer que iam currá-la no túnel... O que fazer? Cidinha não sabia e tremia de medo. Ela mal se conhecia. Aliás nunca se conhecera por dentro. Quanto a conhecer os outros, aí é que piorava. Me socorre, Virgem Maria! Me socorre! Me socorre!

— Sepe repesispis tirpir popodepemospos mapatarpar epelapa. Se resistis-se podiam matá-la. Era assim então.- Compom umpum pupunhalpal. Epe roupou-barpar epelapa.

Matá-la com um punhal. E podiam roubá-la.

Como lhes dizer que não era rica? Que era frágil, qualquer gesto a mataria. Tirou um cigarro da bolsa para fumar e acalmar-se. Não adiantou. Quando seria o próximo túnel? Tinha que pensar depressa, depressa, depressa.

Então pensou: se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda.

Então levantou a saia, fez trejeitos sensuais - nem sabia que sabia fazê-los, tão desconhecida era de si mesma - abriu os botões do decote, deixou os seios meio à mostra. Os homens de súbito espantados.

— Tá pá dopoipidapa.

Está doida, queriam dizer. E ela a se requebrar que nem sambista do morro. Tirou da bolsa o batom e pintou-se exageradamente. E começou a cantarolar.

Então os homens começaram a rir dela. Achavam graça na doideira de Cidinha. Está desesperada. E o túnel?

Apareceu o bilheteiro. Viu tudo. Não disse nada. Mas foi ao maquinista e contou. Este disse:

— Vamos dar um jeito, vou entregar ela pra polícia na primeira estação.

E a próxima estação veio.

O maquinista desceu, falou com um soldado por nome José Lindalvo. José Lindalvo não era de brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três malas, e ambos desceram.

Os dois homens às gargalhadas.

Na pequena estação pintada de azul e rosa estava uma jovem com uma mala. Olhou para Cidinha com desprezo. Subiu no trem e este partiu.

Cidinha não sabia como se explicar ao polícia. A língua do “p” não tinha explicação. Foi levada ao xadrez e lá fichada. Chamaram-na dos piores nomes. E ficou na cela por três dias. Deixavam-na fumar. Fumava como uma louca, tragando, pisando o cigarro no chão de cimento. Tinha uma barata gorda se arrastando no chão.

Afinal deixaram-na partir. Tomou o próximo trem para o Rio. Tinha lavado a cara, não era mais prostituta. O que a preocupava era o seguinte: quando os dois homens haviam falado em currá-la, tinha tido vontade de ser currada. Era uma descarada. Epe sopoupu upumapa puputapa. Era o que descobrira. Cabisbaixa.

Chegou ao Rio exausta. Foi para um hotel barato. Viu logo que havia perdido o avião. No aeroporto comprou a passagem.

E andava pelas ruas de Copacabana, desgraçada ela, desgraçada Copacabana.

Pois foi na esquina da rua Figueiredo Magalhães que viu a banca de jornal. E pendurado ali o jornal “O Dia”. Não saberia dizer por que comprou.

Em manchete negra estava escrito: “Moça currada e assassinada no trem”.

Tremeu toda. Acontecera, então. E com a moça que a desprezara.

Pôs-se a chorar na rua. Jogou fora o maldito jornal. Não queria saber dos detalhes. Pensou:

— É pé. Opo despestipinopo é pé impimplaplacápávepel.

O destino é implacável.

HORADA PRODUÇÃO



PROPOSTA TEXTUAL

“A língua do P” discorre sobre a violência psicológica, a violência física e a relativização da mulher diante dos seus agressores. Cidinha, uma professora, ainda sem vida sexual ativa, é assediada em um trem e tomada pelo medo da violação do seu corpo utilizando como estratégia de sobrevivência fingir ser prostituta.

O seu plano consegue êxito, porém, é humilhada e exposta. Mesmo com a presença do motorista maquinista, não sentiu segurança para denunciar, ter o seu discurso validado. Decide seguir o que planejara, é presa durante três dias, depois consegue seguir sua viagem rumo a Londres. E infelizmente os criminosos conseguem seguir a vida também.

Em seguida, analise cuidadosamente a experiência vivida por Cidinha e preencha o quadro com os possíveis equívocos e acertos da personagem na tentativa de evitar ser vítima de violência.

Após o preenchimento do quadro, aguarde as orientações do(a) professor(a).

ERROS	ACERTOS

Casos como o da Professora Cidinha ocorrem cotidianamente no Brasil, onde mulheres tornam-se vítimas de assédio, tentativas de estupro e feminicídio. Frequentemente, a sociedade busca justificar tais atos violentos, atribuindo, em muitos casos, a culpa à vítima. Para aprofundar nossa reflexão, realize a leitura de duas notícias pertinentes ao tema. Através dessas leituras, você terá a oportunidade de conhecer a história de Letícia Curado e Geni Pereira, ambas vítimas fatais do cozinheiro Marinésio em 2019. Este caso repercutiu amplamente e, infelizmente, muitas pessoas, ao expressarem suas opiniões nas redes sociais, culpam as vítimas.

Morte de Letícia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano

O feminicídio da advogada de 26 anos levou à prisão do cozinheiro Marinésio dos Santos Olinto, 42. Ele segue preso e passará por audiência na sexta-feira



Assassinada em 23 de agosto de 2019, Letícia deixou o marido e um filho, hoje com 4 anos - (crédito: Arquivo Pessoal)

Há um ano, Letícia Curado, 26 anos, saía de casa para nunca mais retornar. Por volta das 7h de uma sexta-feira, a advogada deixava o bairro Arapoanga, em Planaltina, para ir ao trabalho, no Ministério da Educação (MEC), localizado na Esplanada dos Ministérios. Atrasada, ela resolveu entrar em um veículo, uma Blazer

prata, conduzida pelo cozinheiro Marinésio dos Santos Olinto, 42, que se identificou como motorista de transporte pirata.

A ideia era chegar mais rápido ao destino. Entretanto, ela foi atacada e morta asfixiada. A partir do caso, a Polícia Civil conseguiu chegar ao assassino confesso e desvendar outros crimes cometidos por ele, como estupros, abusos sexuais e outro feminicídio. Um ano após a tragédia, famílias destruídas por Marinésio, inclusive a dele, tentam se reerguer.

Os investigadores da 31ª Delegacia de Polícia (Planaltina) prenderam Marinésio em 24 de agosto do ano passado, um dia após o desaparecimento de Letícia. Imagens de segurança da região mostram o momento em que a jovem entrou no carro do cozinheiro, em frente à parada de ônibus. Na noite do dia seguinte, os agentes encontraram o carro dele em via pública e, em seu interior, objetos que pertenciam à advogada. Na segunda-feira, 26 de agosto, ele confessou o crime e ainda revelou ter matado mais uma mulher em junho, a auxiliar de cozinha Genir Pereira Sousa, 47.

Após a prisão de Marinésio e a divulgação de vídeos e fotos dele pela imprensa, outras mulheres procuraram a Polícia Civil para denunciar abusos e estupros cometidos pelo cozinheiro. Conforme o Correio apurou, atualmente, Marinésio responde processualmente pelas mortes de Letícia e Genir e por cinco crimes de violência sexual, três de Planaltina, uma de Sobradinho e outro do Paranoá.

Além das acusações ainda em trâmite na Justiça, o cozinheiro foi condenado, em 7 de maio deste ano, a 10 anos de prisão pelo estupro de uma jovem que, à época do crime, tinha 17 anos. A vítima foi atacada na área de Pinheiral, no Paranoá, em 1º de abril de 2019. Para abordar a jovem, Marinésio usou o mesmo modo de atuação: em um veículo pessoal, ofereceu carona. Diante da negativa, ele desceu do automóvel e, com uma faca na mão, obrigou a então adolescente a entrar no banco de trás do carro, sob ameaça de morte, seguindo para a região deserta da cidade, onde estacionou. Ele a estuprou, conforme descreve o processo. A defesa do sentenciado recorreu da decisão e o processo ainda corre na Justiça.

Apesar de ser assassino confesso de Letícia e Genir, o júri de Marinésio relacionado a esses feminicídios ainda não está marcado. Entretanto, na sexta-feira (28/8), o cozinheiro estará no Fórum de Planaltina para a audiência de três casos de abuso sexual. Em uma das acusações, ele atacou duas irmãs, de 18 e de 21 anos. O caso foi em 24 de agosto, um dia após o assassinato de Letícia Curado. As jovens tinham saído de uma festa e decidiram pegar carona com o sentenciado. Após serem assediadas, as vítimas conseguiram fugir depois de ameaçarem quebrar o veículo do agressor com uma barra de ferro. Ele responde pelo estupro da vítima mais velha e pela tentativa de abuso sexual da mais jovem.

Defesa

Após ser condenado em maio deste ano, Marinésio deixou o Centro de Detenção Provisória (CDP) e foi transferido para a Penitenciário do Distrito Federal 1 (PDF1). Pela repercussão do caso, ele permaneceu isolado em uma cela. Entretanto, atualmente, divide

o cárcere com outros detentos. De acordo com o advogado do cozinheiro, Marcos Venício Fernandes Aredes, o sentenciado está “tranquilo e não sofre nenhuma represália”.

De acordo com o advogado, a imagem de que Marinésio é um monstro, criada pelo público, não existe. “Ele confessou, para mim, que, depois que fez 41 anos, passou a ter um apetite sexual revigorado. Nunca pensou em matar ninguém, mas aconteceu e ele não consegue explicar”, afirma. Marcos ainda completa que o acusado teve problemas psicológicos e que costumava ter “apagões” quando cometia os crimes.

Marcos ainda completa que o cozinheiro não cometeu violência sexual ou qualquer tipo de estupro. “Ele não é esse monstro que as pessoas acreditam e, agora, passa por um período de desconstrução dessa imagem criada pela mídia e pela polícia”, alega.

Dor

Em entrevista ao **Correio**, parentes de Letícia e Genir, assassinadas por Marinésio, nararam o processo doloroso da perda. A esposa do cozinheiro, que também teve a vida dilacerada, conversou com a reportagem. Confira:

Sonho interrompido

Aos 26 anos, Letícia Sousa Curado de Melo vivia em uma fase de conquistas. Evangélica, ela havia passado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 2018 e começou a estudar para concursos. A advogada morava em Planaltina com o marido, Kaio Fonseca Curado de Melo, 26, e com o filho de casal, hoje com 4 anos. Ela era funcionária terceirizada no MEC, onde prestava assessoria jurídica. Em fevereiro de 2019, a jovem foi aprovada no concurso público do Ministério Público da União (MPU) para o cargo de analista e aguardava ser convocada. Em junho do mesmo ano, passou no processo seletivo para estudar na Fundação Escola Superior do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) e, em agosto, começou a frequentar as aulas do curso de pós-graduação em ordem jurídica e MPDFT, destinado a quem deseja ingressar na carreira de promotor público.

A paixão de Letícia pelo direito veio de berço. Ela queria seguir os passos da mãe, a também advogada e servidora pública, Kênia Sousa, 47. “Faz um ano e é como se fosse ontem. Parece que os dias não passam e são intermináveis. Ainda mais com essa questão da pandemia, com tudo paralisado. Tenho a impressão de que está andando mesmo. As coisas não se encaixam ainda e a gente fica meio perdida no que caminha para frente”, relata Kênia.

Um ano após perder a filha, a servidora pública relata que é difícil contabilizar o tempo. Em relação ao processo judicial e à falta da marcação de um julgamento, Kênia entende que a pandemia do novo coronavírus pode deixar os trâmites mais lentos. “A gente sabe que não está nos procedimentos normais. O caso da Letícia teve uma comoção social muito grande, porém, foram muitos casos com o mesmo autor. Por isso, seria necessária mais efetividade”, considera.

Kênia conta que, apesar de a filha ter seguido os passos dela na advocacia, Letícia sonhava em ser promotora. Para a servidora pública, a jovem advogada tinha uma missão maior no mundo e ter escolhido os passos da Justiça comprovam isso. “Foi por meio do caso dela que foi possível tirar uma pessoa tão má do convívio da sociedade”, lamenta. Sobre o neto, Kênia conta que ele está bem e “dividido entre amores”.

Extrovertida e brincalhona

A auxiliar de cozinha Genir Pereira de Sousa, 47, trabalhava em uma pizzaria do Paranoá. Na madrugada de 1º de junho de 2019, ela terminou o expediente e foi embora com um empregado do estabelecimento, namorado dela. Eles dormiram juntos, em Planaltina. Pela manhã, a auxiliar de cozinha foi para a casa da chefe, no bairro Arapoanga. Dali, seguiu para uma parada de ônibus, por volta das 7h40, momento em que foi abordada por Marinésio. Em 12 de junho, o corpo da mulher foi encontrado em um matagal entre Planaltina e o Paranoá, sem nenhum pertence dela.

Apenas em 26 de agosto, após revelar onde estava o corpo de Letícia Curado, Marinésio confessou ter assassinado Genir. O corpo dela foi encontrado em avançado estado de decomposição. Por isso, os investigadores não conseguiram confirmar o estupro, apenas que a morte foi provocada por estrangulamento. Há quase um ano da prisão do cozinheiro, familiares da auxiliar de cozinha ainda pedem Justiça.



Genir Pereira, 47 anos, desapareceu em 2 de junho de 2019 (foto: Arquivo pessoal)

Ao **Correio**, Luzileide Pereira de Sousa, 37, irmã de Genir, conta que o processo até a resolução do caso foi o pior momento. “Quando descobriram que foi ele (Marinésio), senti um alívio. A gente não entendia o que tinha acontecido. Quando a Letícia morreu, a gente suspeitou porque os casos foram muito parecidos. Meu medo era de que ele passasse impune, como tantos outros agressores”, ressalta.

Luzileide define a irmã como uma pessoa animada e extrovertida, que arrancava sorrisos de quem encontrasse. “A dor e a saudade são coisas que nunca vão acabar. Estava falando dela aqui em casa momentos antes de você entrar em contato. Ela vinha todo fim de semana me visitar”, disse Luzileide, ao **Correio**. Genir deixou dois filhos, um homem, de 31 anos, e uma mulher, de 24.

“Enterramos ela no Piauí e o filho dela viajou para lá recentemente. Foi arrumar o túmulo da mãe”, comentou. Apesar de Marinésio seguir preso, Luzineide cobra um julgamento para ter uma resposta final sobre o caso. “A gente vive tentando se levantar a cada dia. Minha irmã era muito brincalhona e não tinha inimizade com ninguém. Uma pessoa tranquila, que deixou saudade”, define.

Família despedaçada

Os crimes cometidos por Marinésio não afetaram apenas as vítimas e as famílias delas. O cozinheiro, marido e pai de uma adolescente de 17 anos, também destruiu o próprio lar. “Estamos tentando preservar as nossas vidas.” Esta foi a frase que a então esposa do assassino confesso disse ao Correio em 28 de agosto de 2019, quatro dias após a prisão do companheiro. Com a repercussão do caso, a mulher e a filha precisaram mudar de endereço e viveram sob ameaça.

A mulher aceitou conversar mais uma vez com a reportagem, sob condição de anonimato. Atualmente, mãe e filha não vivem mais juntas. Em janeiro, ela deixou o Distrito Federal e se mudou para uma região nordestina e a adolescente passou a morar com parentes. “Quando estive em Brasília, cheguei a visitá-lo três vezes. Em todas as minhas idas à carceragem, ele me pedia desculpas, dizia para não o abandonar e para pensar nos 20 anos que vivemos juntos”, contou.



Marinésio dos Santos Olinto, 42 anos, foi preso em 24 de agosto de 2019 (foto: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press)

“Perdoei ele, sim. Não guardo mágoa dele no meu coração. A única coisa que disse para o Marinésio foi que, se ele estava lá (na prisão), é porque tinha feito algo e estava pagando por isso. A minha filha ainda diz que ele é pai dela e que não vai abandoná-lo. Não tiro a razão dela, nunca falei qualquer coisa relacionada a isso nem a impedi de fazer visitas”, admite.

Ela tem planos para voltar ao Distrito Federal. Entretanto, não sabe quando. “A nossa antiga casa ainda está à venda. Muitos queriam falar coisas para a gente, atacar, mas quem é próximo não ficou diferente comigo”, conta. Após a descoberta dos crimes cometidos por Marinésio,

a mulher diz que adoeceu e que faz acompanhamento psicológico. “Não passei bem durante esse um ano, fiquei com problema de nervos e tomo remédio controlado. Foi um choque muito grande e ninguém sabia de nada”, desabafa.

A visão de Jane Klébia, delegada-chefe da 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá), uma das investigadoras que participou do caso Marinésio

“Como investigadora, digo que foi um dos casos que mais me marcou em 22 anos de Polícia Civil, principalmente pela carga emocional que trouxe, pela comoção e pela forma estúpida com a qual ele matou. Eu não só investiguei, mas também sofri. Uma das vítimas que procurou a delegacia estava destruída. Quando o Marinésio apareceu, ela se desesperou.

Esses crimes sexuais sempre ferem as vítimas. Aquelas que não morrem, ficam com a alma ferida e não se curam. Uma das vítimas que atendemos tinha 17 anos na época do crime. O abuso aconteceu em abril, meses antes da descoberta da autoria. Nesse período, ela tentou suicídio pelo menos cinco vezes. A vida dela ficou destruída. O envolvimento da delegacia foi tanto que fizemos uma festa de aniversário para ela. Aproveitamos que completaria 18 anos e promovermos uma celebração de princesa.

Fizemos o trabalho de polícia, mas também sofremos pela vítima. São crimes muito covardes. O estupro revela a pior face do ser humano, a misoginia e o fato de querer ver o outro sofrer. Tudo isso me marcou muito. Até hoje, eu me lembro e me solidarizo com as vítimas. Algumas delas ainda encontro de alguma forma.

O que me fortalece como policial é saber que o nosso trabalho tem um resultado. Quando o Marinésio foi preso, o sentimento foi o de dever cumprido, ainda mais por amenizar o sofrimento das famílias. Esse é o lado positivo do trabalho de policial. Como sociedade, torcemos para que ele fique preso, para não fazer mal a mais ninguém.”

GALVÃO, WALDER. Morte de Letícia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano. Disponível em: < [https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado --vitima-de-marinesio--completa-um-ano.html](https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado--vitima-de-marinesio--completa-um-ano.html) >. Acesso em: 12 dez. 2023.

Artigo: A culpa não é da vítima

Letícia não morreu porque entrou no transporte pirata. Morreu porque, além de ter nascido mulher, numa sociedade extremamente machista, vivia, como a maior parte da população brasileira, à margem das preocupações do poder público nas suas necessidades básicas de ir e vir, asseguradas pela Constituição Federal



A violência contra a mulher, que faz uma vítima a cada 2 segundos no Brasil, ganhou as manchetes dos veículos de comunicação e virou tema de conversa nos restaurantes, elevadores e grupos de WhatsApp esta semana. O assassinato de Letícia Curado, aos 26 anos, e de Genir Pereira de Sousa, 47, e a descoberta de que o autor do crime pode ter feito outras vítimas no Distrito Federal, deu visibilidade ao tema e, de modo brutal, esfrega na cara da sociedade o machismo que nos acorrenta, nos fere o corpo e a alma e, não raro, nos tira a vida.

Nas redes sociais ou cara a cara, é assustador o discurso, inclusive entre mulheres, de culpabilização da vítima. Uma hora é o decote, outra a saia curta, ou o fato de estar na rua tal hora, ou, nos casos de Letícia e de Genir, por terem entrado no carro de um motorista que ofereceu o transporte pirata. Mas não, não foram mortas porque entraram num carro pirata. Foram mortas por terem dito ;não; ao assédio sexual do condutor, segundo apurou a Polícia.

No Distrito Federal, mulheres, homens e crianças são empurrados para o transporte pirata de passageiros por uma razão óbvia: o poder público não tem tido, ao longo de décadas, a competência que se espera de um gestor público para oferecer ônibus e metrô de qualidade. Aliás, é incompetente até para fazer calçadas, equipamento imprescindível para os deslocamentos a pé. A incapacidade de gestão e execução de projetos também fica evidente no caso das ciclovias.

Então, Letícia não morreu porque entrou no transporte pirata. Morreu porque, além de ter nascido mulher, numa sociedade extremamente machista, vivia, como a maior parte da população brasileira, à margem das preocupações do poder público nas suas necessidades básicas de ir e vir, asseguradas pela Constituição Federal.

Letícia, Genir e tantas outras mulheres morreram porque a sociedade ainda trata como mimimi a luta pela equidade de gênero. Precisamos formar uma nova geração de meninos e meninas que se respeitem acima de qualquer coisa. Precisamos entender o que é masculinidade tóxica. Precisamos reconhecer os mais sutis sinais de violência. O assunto deve ser abordado em sala de aula. O governo deve investir em políticas públicas e programas que amparem as vítimas de violência. Basta de silêncio! Basta de morte.

BERNARDES, A. Artigo: A culpa não é da vítima. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2019/08/29/internas_opiniao,779741/artigo-a-culpa-nao-e-da-vitima.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Para continuar a reflexão, que tal observamos o resultado de uma pesquisa realizada no primeiro semestre do ano de 2023? A pesquisa “Visível e Invisível”, em sua quarta edição, revela a situação da violência contra mulheres no Brasil no ano de 2023. Esta pesquisa, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e realizada pelo Instituto Datafolha com o apoio da Uber, indica que mais de 18 milhões de mulheres foram vítimas de algum tipo de violência em 2022. Em relação aos estudos anteriores, houve um aumento significativo em todas as formas de violência contra a mulher. Foram entrevistadas 2017 pessoas, incluindo homens e mulheres, em 126 cidades brasileiras, de 9 a 13 de janeiro de 2023.

Observe que, assim como a nossa personagem Cidinha, muitas mulheres não fazem nada diante da violência contra a mulher, ou seja, não denunciam e se calam diante da violência sofrida.

VISÍVEL E INVISÍVEL a Vitimização de Mulheres no Brasil. 4ª edição - 2023

Design/Ilustração Laís Oliveira

Realização



Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

Patrocínio

Uber

Violência ao longo da vida

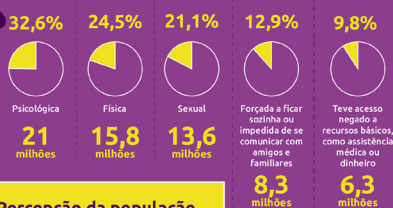
Epidemia de violência

33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais sofreram violência física e/ou sexual por parte de parceiro íntimo ou ex

Maior do que a média global, de **27% (OMS)**

21,5 milhões de mulheres

Principais formas de violência provocadas por parceiro íntimo ou ex



Percepção da população

65,2% dos brasileiros acham que a violência contra a mulher aumentou no último ano

52% relatam ter visto alguma situação de violência nos últimos 12 meses



Violências sofridas pelas brasileiras no último ano

28,9% Sofreram algum tipo de violência ou agressão

18,6 milhões de mulheres

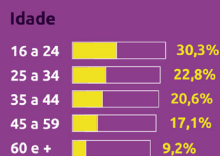


EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA
4 vezes é o número médio de agressões sofridas no último ano. Entre mulheres divorciadas, a média foi de **9 agressões**

QUEM SÃO ESSAS MULHERES?

65,6% Negras
29,0% Brancas
2,3% Amarelas
3,0% Indígenas

57,4% tinham filhos

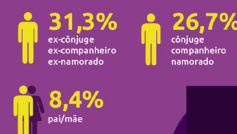


50.962 sofreram violência diariamente em 2022. O equivalente a um estádio lotado.



Quem era o agressor?

Pela primeira vez, o ex-parceiro apareceu como principal agressor



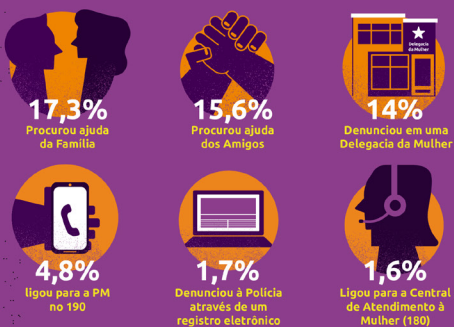
Onde ocorreu?



VISÍVEL E INVISÍVEL a Vitimização de Mulheres no Brasil.

Design/Ilustração Laís Oliveira

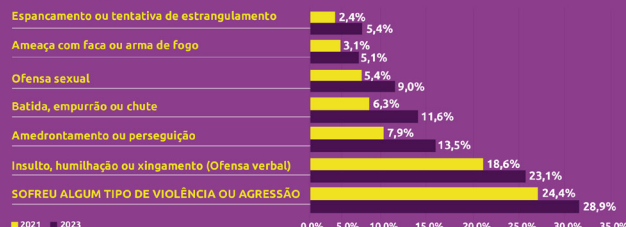
O que fez após o episódio mais grave de violência?



Razões para não procurar a polícia

38,0% resolveram sozinhas
21,3% não acreditavam que a polícia pudesse oferecer solução
14,4% não tinham provas suficientes

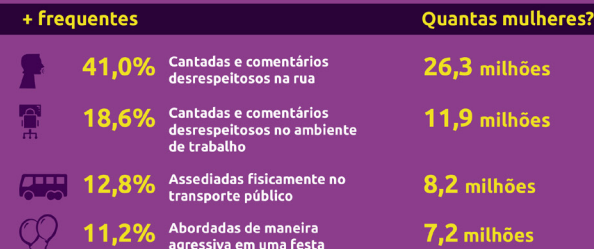
Crescimento de todas as formas de violências sofridas pelas brasileiras no último ano



Assédio

46,7% das brasileiras afirma ter sofrido alguma forma de assédio em 2022

30 milhões de mulheres



Ações consideradas muito importantes pelas mulheres para enfrentar a violência doméstica

76,5% Punir de forma mais severa aqueles que cometem violência doméstica
72,4% alguém para conversar, como um psicólogo ou outro especialista em saúde mental
69,4% Oferecer suporte legal e serviços que orientem a mulher
67,9% Ampliar a divulgação de campanhas sobre conscientização e denúncia de violência doméstica para homens e mulheres
67,2% Garantir acesso a necessidades básicas para mulheres em situação de violência

Maior índice já registrado



Metodologia: Pesquisa quantitativa com abordagem pessoal em ponto de fluxo. Amostra de abrangência nacional (2.017 entrevistas) representativa do universo de população adulta brasileira com 16 anos ou mais. Entrevistas realizadas em 126 municípios entre os dias 09 e 13 de janeiro de 2023, tendo como referência o período dos 12 meses anteriores à pesquisa. Módulo de autopercepção com questões aplicadas somente às mulheres (1042 mulheres, das quais 818 respondentes). Margem de erro de 2,0 pontos para mais ou para menos na amostra nacional e de 3,0 pontos para mais ou para menos na amostra do módulo de autopercepção. As projeções populacionais consideram os valores médios previstos a partir da margem de erro. Fonte: Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Fonte: DE MULHERES NO BRASIL., A. V. VISÍVEL E INVISÍVEL. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-infografico.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MÓDULO III

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já ouviu falar em “Violentômetro”?

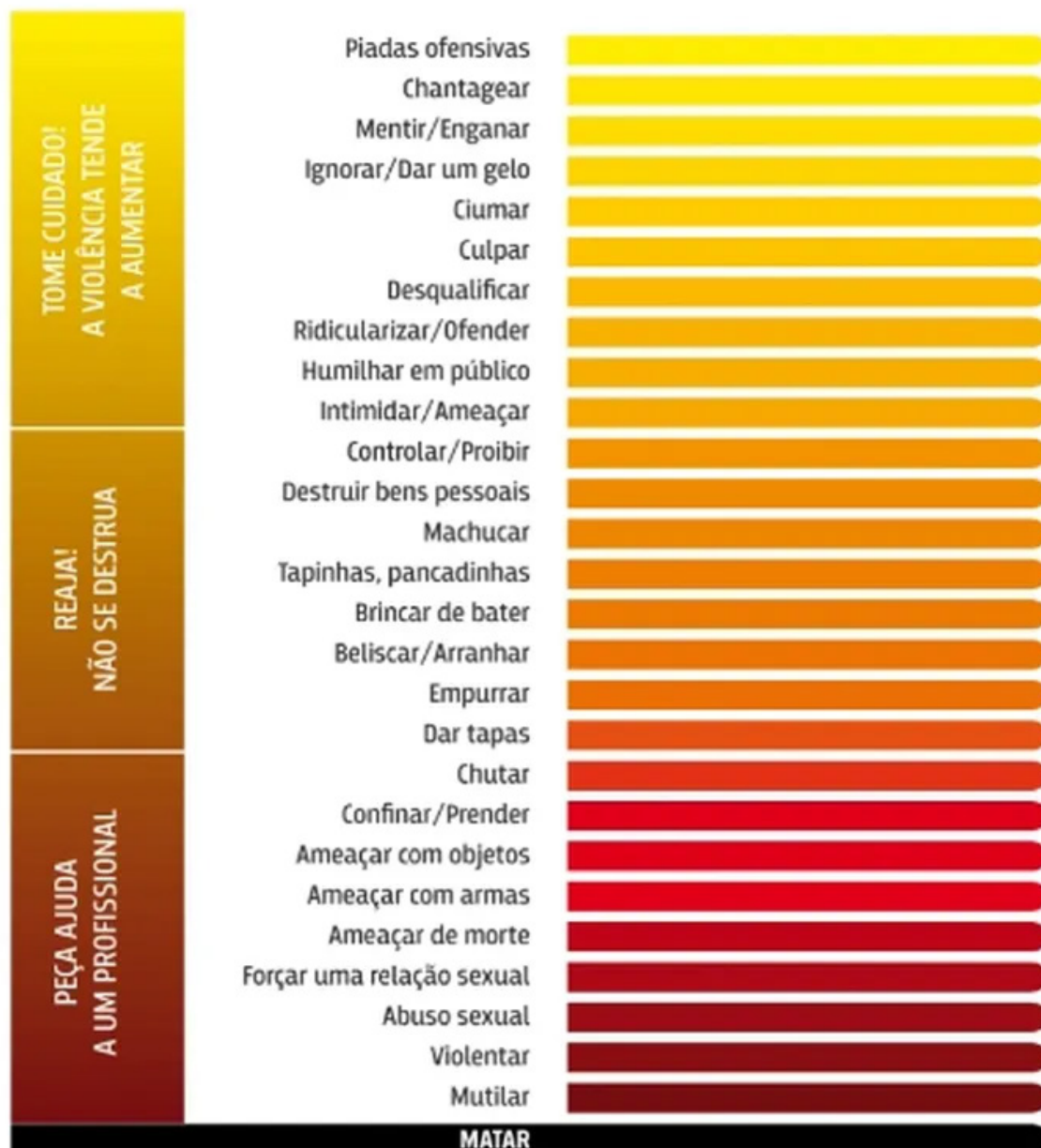
O Violentômetro é um guia, desenvolvido pela coordenação feminina do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) em 2017, que serve para instruir as mulheres sobre os diferentes graus de violência e as possíveis consequências de cada comportamento. A juíza Graziela Queiroga, que coordena o departamento, afirma que muitas mulheres desconhecem que determinadas atitudes masculinas constituem, na verdade, uma forma de violência.

O Violentômetro foi empregado em várias campanhas do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), na forma de panfleto, aconselhando as mulheres a estarem atentas a comportamentos e ações que podem se transformar em insultos, ameaças e abuso sexual. O Violentômetro teve uma grande repercussão e foi adotado como referência em diversos estados para várias campanhas que tratam da violência contra a mulher. É dividido em três fases de alerta, que são: “Tome cuidado!”, “Reaja!”, e “Peça ajuda a um profissional”. Cada uma dessas fases contém exemplos de situações que se encaixam nessas categorias.

Vamos explorá-lo?

Violentômetro

Ranking da violência elaborado pela Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar da Paraíba.



Fonte: CNJ destaca atuação da Coordenadoria da Mulher do TJPB no combate à violência e cita Violentômetro. Disponível em: <<https://www.tjpb.jus.br/noticia/cnj-destaca-atuacao-da-coordenadoria-da-mulher-do-tjpb-no-combate-a-violencia-e-cita>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

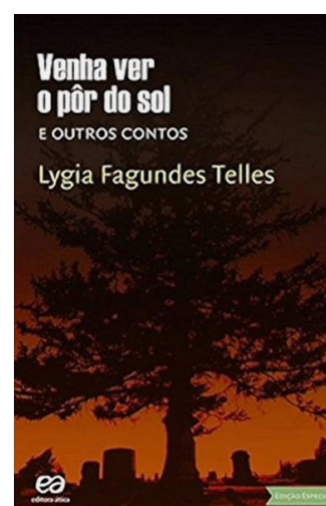


Lygia Fagundes Telles foi uma escritora com caráter inovador e ganhou a alcunha de “Dama da literatura brasileira”. Autora de grandes livros, possui marca poética, sensível e precisa em seus textos. Intitula-se como uma escritora engajada, comprometida com a temática das desigualdades sociais. Como a própria escritora afirma: “Considero meu trabalho de natureza engajada, ou seja, comprometido com a nossa condição nesse escândalo de

desigualdades sociais.” (TELLES, 2002, p.90).

Nasceu em 19 de abril do ano de 1918 e faleceu dia 03 de abril de 2022, de causas naturais. Seu primeiro livro, escrito na adolescência, chama-se *Porão e Sobrado*, foi apenas o início de uma longa carreira como autora. *Ciranda de Pedra*, escrito em 1945, rendeu uma adaptação novelesca pela rede globo em 1981. Foi ganhadora diversas vezes do prêmio Jabuti e outros prêmios como “Prêmio Arthur Azevedo” e “Camões”.

Foi procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e presidente da Cinemateca Brasileira.



Agora, você está prestes a embarcar na última leitura de nossa jornada, um conto intitulado “Venha ver o pôr-do-sol”. Esta é uma história envolvente e repleta de suspense, magistralmente escrito por Lygia Fagundes Telles. A trama é tecida em torno de dois personagens centrais: Raquel e Ricardo. Prepare-se para uma experiência literária inesquecível.

Em seu conto “Venha ver o pôr do sol”, Telles descreve a violência contra a mulher através do narrador em 3ª pessoa e parte de uma situação comum: o reencontro de dois ex-namorados. Entretanto, o local é algo diferente, inesperado e inusitado: um cemitério. A partir daí percebemos os traços da personalidade de Ricardo e como a mulher é subjugada através da personagem Raquel.

É importante notar que a leitura do conto pode ser um pouco longa. Portanto, caso julgue necessário, faça uma pausa durante a leitura para recapitular a história.

E aí, preparado(a) para iniciar?

Conto: Venha ver o pôr-do-sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

— Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

— Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que idéia, Ricardo, que idéia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele riu entre malicioso e ingênuo.

— Jamais? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?

Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? — perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. — Hein?!

Ah, Raquel... — e ele tomou-a pelo braço. Você, está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

Podia ter escolhido um outro lugar, não? -Abrandara a voz. — E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

— Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo acrescentou apontando as crianças na sua ciranda. Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. — Ricardo e suas idéias. E agora? Qual o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

— Conheço bem tudo isso, minha gente está, enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. Evergou a cabeça para trás numa risada.

— Ver o pôr-do-sol!... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério... Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

— Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

— E você acha que eu iria?

— Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... — disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. — Você fez bem em vir.

— Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

— Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

— Mas eu pago.

— Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico. Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

— Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas idéias vai me consertar a vida.

— Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado — prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

— É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros. Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos, medalhões de retratos esmaltados.

— É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

— Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambigüidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa.

— Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre. Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

— Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo. — É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

— Ele é tão rico assim? — Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro... Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

— Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

— Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como agüentei tanto, imagine, um ano!

— É que você tinha lido A Dama das Camélias, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora?

Que romance você está lendo agora?

— Nenhum - respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: minha querida esposa, eternas saudades — leu em voz baixa. — Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

— Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja — disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda —, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

— Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. — Deu-lhe um rápido beijo na face.

— Chega, Ricardo, quero ir embora.

— Mais alguns passos...

— Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! — Olhou para trás. — Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

— A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio — lamentou ele, impelindo-a para a frente. — Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que

se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

— Sua prima também? Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza-dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

Vocês se amaram?

Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. — Enfim, não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o.

— Eu gostei de você, Ricardo.

— E eu te amei.. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um - pássaro rompeu cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

— Esfriou, não? Vamos embora.

— Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

— Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

— E lá embaixo?

— Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó — murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. — A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

— Todas essas gavetas estão cheias?

— Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe — prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta. Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

— Vamos, Ricardo, vamos.

— Você está com medo.

— Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

— A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato, duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exhibir, estou bonita? Estou bonita?...

— Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. — Não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

— Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando!

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

— Pegue, dá para ver muito bem... — Afastou-se para o lado.

— Repare nos olhos.

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... — Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. — Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. — Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos ! Seu menti...

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso — meio inocente, meio malicioso.

— Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! — exclamou ela, subindo rapidamente a escada. — Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! — ordenou, torcendo o trinco. — Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

— Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo. Ela sacudia a portinhola.

— Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! — Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. — Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

HORADA PRODUÇÃO



PROPOSTA TEXTUAL

Você acaba de mergulhar na envolvente história de Raquel e Ricardo, mas deve ter notado que um elemento crucial está ausente: o desfecho! Para descobrir o final do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, você está convidado a exercitar sua criatividade e escrever sua própria conclusão para a história. Isso mesmo, você tem a oportunidade de dar continuidade a este intrigante enredo. E agora? O que aconteceu com Raquel?

Depois de escrever, compartilhe sua versão com seus colegas e aguarde a orientação do professor. Estamos ansiosos para saber: quais outros desfechos vocês imaginam para esta história?



FINAL DESBLOQUEADO COM SUCESSO

MENSAGEM FINAL

Chegamos ao término de nosso módulo didático focado na violência contra a mulher. Nossa maior aspiração é que você, como estudante e cidadão crítico, reflita profundamente sobre todo o conhecimento adquirido até aqui. Pense sobre os dados alarmantes revelados, as pesquisas apresentadas e as notícias lidas. Os números são realmente preocupantes, mas lembre-se: você pode fazer a diferença.

Repensar suas atitudes em relação à temática e refletir sobre como a mulher deve ser vista e tratada na sociedade é um excelente ponto de partida. Durante esses três módulos, você foi apresentado a D. Eulália, Cidinha e Raquel, personagens fictícias que, no entanto, retratam a maneira como a maioria da sociedade percebe a mulher.

Nossa esperança é que sua perspectiva seja diferente e que você esteja atento aos sinais de violência. Não se cale diante de qualquer forma de violência, seja ela vivida ou presenciada. Lembre-se, cada voz conta e cada ação importa.

Deseja aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre a temática? Sugere-
mos outros contos adequados à sua faixa etária. Continue sua jornada de aprendizado e nunca pare de refletir.

“Bar”- Autor: Ivân Ângelo

“A Moça Tecelã”- Autora: Marina Colasanti”

“Dolly” -Autora: Lygia Fagundes Telles

Bons estudos e lembre-se: a reflexão é um processo contínuo!

REFERÊNCIAS

BUNCH, C. **Hacia una revisión de los Derechos Humanos.** In: BUNSTER, X.; ENLOE, C.; RODRIGUES, R. (Org.). *La mujer ausente: derechos humanos en el mundo.* Santiago: Isis Internacional, 1991.

BERNARDES, A. Artigo: **A culpa não é da vítima.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2019/08/29/internas_opiniao,779741/artigo-a-culpa-nao-e-da-vitima.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COLASANTI, Marina. **Porém igualmente.** In: _____. *Um espinho de Marfim & outras histórias.* Porto Alegre: L&PM, 1999.

GALVÃO, WALDER. **Morte de Letícia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano.** Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado--vitima-de-marinesio--completa-um-ano.html>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

HOOKS, Bell. **“E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo.** Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A língua do P.** In: *A Via Crucis do corpo.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Minhas queridas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NUNES CABRAL, L.; FREIRE BARBOSA, A. C. tipificação da violência contra a mulher no município Juazeiro/BA. **Biblionline**, v. 16, n. 3/4, p. 78–93, 2021.

RICHE, Rosa Maria Cuba; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. MARINA COLASANTI. **Miscelânea: RevistadeLiteraturaeVidaSocial**, v.29, p.357-363, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2017.

TELLES, Lygia Fagundes. **Durante aquele estranho chá.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. **“Venha ver o pôr do sol”.** In: TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde* 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 123-131.